

AMIZADE DAS QUADRAS RESISTE AO TEMPO

Luciana e Lavínia conheceram-se no início dos anos 70. As superquadras da Asa Sul eram formadas por pouco mais do que uma trilha de blocos. A amizade das duas meninas nasceu ali, no piso de granito escuro do bloco A da 307 Sul. "Nem me lembro mais quando nos conhecemos", conta Luciana Madeira, dentista de 29 anos nascida e criada em Brasília.

Perderam as contas dos dias em que passavam debaixo do bloco e na quadra, brincando de polícia e ladrão, queimada e betê. Época de tentar se infiltrar na casinha de madeira construída no alto da mangueira que se espraiava pela praça central da superquadra — refúgio só dos garotos. "Nós não podíamos ir lá", conta Lavínia Mendonça, 29 anos.

A praça em frente à Igreja Nossa Senhora de Fátima, na 307/308 sul, também era o ponto de brincadeiras. Para voltar 25 anos no tempo, Lavínia e Luciana só precisam dar alguns passos. "Nós brincávamos aqui", conta Lavínia, sentada no banco próximo aos canteiros que cercam a igreja construída em 1957.

Passadas três décadas, as amigas de berço se sentem muito à vontade para prosseguir com a vida como ela está. "Não tenho vontade de sair daqui. Nem casada", conta Lavínia. Luciana pensa de forma semelhante. Ela ainda mora com os pais. Quando não atende pacientes no consultório, a dentista passa as tardes debaixo do bloco com a filha Luíza, de um ano. A menina também gosta de brincar com a avó, Ana Helena, cearense que chegou a Brasília em 1969. São três gerações na mesma quadra.

Para cada uma, ficará uma lembrança diferente. A década de 70 será lembrada por imortalizar algumas regras: penetrar nas festas era uma delas.

PENETRAR NAS FESTAS ERA UMA INSTITUIÇÃO

Uma noite fresca, a turma da 312 Sul saiu da quadra em direção ao Beirute, caminhando em bando, como sempre fazia. Olhando as janelas, à procura de luz e movimento. Era esse o sinal de festa. Naquela noite, não acharam. Conseguiram chegar ao bar, onde Sibebe recebeu um convite inusitado de um algum conhecido. O papel registrava o endereço da festa daquela noite: era na casa dela.

Para Sibebe Queiroz, que era adolescente quando recebeu o convite de uma festa na sua própria casa, lembrar é sinônimo de rir. "Eram tantas festas nos apartamentos e todo mundo ia que eu nem sabia que tinham marcado uma na minha", diverte-se ao lembrar do caso com os amigos. Muitos dos que partilharam com ela aquela época na 312 Sul ainda se encontram com frequência. Alguns ainda moram na quadra.

Lig é um deles. O apelido vem da infância nas quadras. Bispo, Flash, Sebosa, FG, Martinha e muitos outros faziam parte da turma. Luiz Henrique Barbosa da Silva, hoje com 33 anos, foi um dos primeiros moradores da quadra. Chegou aos cinco anos e mora até hoje na 312 sul. Guarda foto da inauguração do primeiro campo de futebol da quadra. "Era um custo conseguir o dinheiro para as camisas dos torneios. Conseguimos o patrocínio dos Tratores Nogueira", diverte-se Lig.

Na foto do primeiro campeonato num campo de verdade, está o amigo Leandro Macedo, hoje triatleta conhecido. "Eu não podia ouvir um barulhinho de bola que já estava descendo", conta Leandro. Os dois são amigos e compadres.

Leandro guarda outra recordação daquela época: os botões de galalite. Eles eram feitos por meninos da quadra e o jogo se completava com piso de granito preto do bloco e a bolinha era "um exército" do jogo War.

Fernando Artigas, produtor cultural de bandas brasilienses como Legião Urbana e Capital Inicial, deu seus primeiros passos no mundo artístico na 312 sul. "Aqui, já tinha o pessoal do Liga Tripa, a Zélia Duncan morava na 109, o Renato Russo também morava na Asa Sul. Começaram a aparecer os festivais do Marista e no Food's", lembra Fegê, como ficou conhecido na infância. O irmão dele, Paulinho (o Bispo) também seguiu a carreira de músico. É saxofonista.

"Não existia tradição em Brasília, os sobrenomes não interessavam e era tudo muito saudável", afirma Marta Imperial, uma das três mulheres da turma da 312 Sul. Juntos, eles se divertem quando lembram da árvore das abelhas e das invasões nos apartamentos ainda vazios. Infernizar a vida das empregadas domésticas e apertá-las contra os ta-



A polêmica quadra 312 Norte: a má fama fez com que já fosse chamada de Vietnã, mas quem viveu lá garante que a maior característica de quadra foi a união. Em alguns prédios, chegava a ter 20 crianças por andar.

Wagner Canhedo (no detalhe), com os irmãos e amigos, nos gramados na 705 Sul. Brincadeiras de todo tipo e o pânico dos graminhas, que tomavam as bolas de futebol, marcaram a infância no Plano Piloto.



Leandro Macedo, triatleta, guardou os botões de galalite que comprou de dois meninos que faziam o brinquedo na quadra. Até hoje, conserva os amigos



Debaixo do bloco, Marta e os irmãos Fernando e Paulinho Artigas relembram com saudades as divertidas noites nas quadras: penetrar nas festas, ir aos concertos de música na 112 Sul, acompanhar a construção do Parque da Cidade.

pumes das obras também eram comuns.

No extremo oposto, costumes parecidos. "Usávamos espada de São Jorge para fingir que era cobra. As empregadas corriam assustadas. Era uma maldade", confessa Carlos Frederico Schnabel, que nasceu na 312 norte e vive lá há 30 anos, no bloco B. O mesmo de Alceu Rocha, que passou a infância caçando passarinhos, escondendo-se nos bueiros, pescando rato com isca de queijo do alto do pilotis e viu um amigo perder o dedo fazendo "bonde alemão" no elevador. Na adolescência, ele era uma espécie de líder da turma cuja má fama varreu todo o Plano Piloto.

"A gente brigava mesmo, mas era para conquistar espaço. Como éramos muito unidos, ninguém podia encostar em nenhum de nós. Íamos em grupos de 40 penetrar nas festas, mas éramos educados. Já servimos até de garçons", diverte-se Alceu — que foi coroinha de igreja Consolata, guardador de carros nas Casas da Banha e hoje é pacato cidadão.

Das tradicionais festas juninas aos torneios esportivos como Mirinzada e Olimpíadas, os momentos de confraternização eram muitos na 312 Norte. Vez por outra, a tranquilidade era quebrada pela presença da Polícia Federal, à procura de maconha. "Eles vinham constantemente. Apesar da fama da quadra, dificilmente encontravam", lembra Carlos Frederico.

ÉPOCA QUE NÃO VOLTA MAIS

Os meninos e meninas de Brasília preferem lembrar do passado glamouroso das quadras. Pouco se fala de violência, drogas e morte. A tragédia mais lembrada é o assassinato de Ana Lúcia — que decretou o primeiro alerta. Foi quando a cidade começou a perder a inocência.

A memória dos brasilienses nas superquadras traz uma visão romantizada do passado. A consolidação urbana de Brasília modificou as relações entre os moradores do Plano Piloto. A atmosfera de bairro, de cidade do interior cedeu lugar ao individualismo, característica dos grandes centros urbanos. "A cidade cresceu muito e os contatos se tornaram impessoais", observa o pesquisador Brasilmar Ferreira, do departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

Segundo ele, a expansão urbana de Brasília estabeleceu novas formas de relacionamento. As superquadras deixaram de ser setorializadas por profissões. A cidade passou a ser mais heterogênea, um advogado passou a ser vizinho de um funcionário do Banco do Brasil. "Hoje não faz diferença se você mora na 116 Sul e é amigo de alguém que mora na 410 Norte", conta Brasilmar. Houve um tempo em que cada um desses endereços tinha um significado peculiar. A cidade mudou. Só ficaram as lembranças.

DEPOIMENTO

"Quando mudamos para a 312 Norte, só havia duas quadras na Asa Norte: a nossa e a 306 Norte. A quadra tinha vida própria. O comércio era de madeira ainda. Ficamos muito tempo isolados lá. Quando a gente olhava de longe, a impressão que eu tinha era que a 312 era um forte, parecia uma castelo mesmo, aqueles prédios e o descampado em volta. A gente não precisava reverenciar um passado porque nós estávamos construindo a história e a tradição daquele lugar. Morávamos num apartamento de dois quartos com dez pessoas e éramos muito felizes. Crescer em Brasília naquela época foi uma das coisas mais estimulantes da minha vida. Diziam que a quadra era muito violenta, mas a verdade é que era uma quadra de caráter forte e muito isolada das outras. Também ficou marcado esse lado cultural. Não sei se porque muita gente que produzia cultura estava lá ou se isso nasceu da convivência daquelas pessoas. Muita gente famosa passou por lá como Domingos e Fagner. Fazíamos o Panelão da Arte, um evento que reunia os artistas da cidade. As crianças todas participavam do evento. Nos anos 70, frequentávamos o Cine Cultura na W3 Sul, a Escola Parque, a Sala Funarte, o Cine Brasília, Beirute. Não havia risco nem medo de andar a pé. Foi uma época muito marcante mesmo. Vivi na 312 Norte até 1980, conheci e casei com Heloísa (a mulher) lá. O primeiro filho nasceu lá. Minhas irmãs até hoje moram na quadra. A 312 era a nossa cidade."

CLODO FERREIRA, 50 ANOS,
professor universitário e músico

AS BRINCADEIRAS

FINCA

Vergalhões que sobravam das obras tinham as pontas arrastadas no asfalto até ficarem pontiagudas. Há variantes para o jogo, mas os ferros tinham que ser fincados no barro formando uma linha.

BETÊ

Ainda joga-se muito nas quadras. Hoje, há os tacos já comprados para a brincadeira. Na época, pedaços de pau achados na quadra eram usados como tacos para arremessar as bolinhas de tênis ou frescobol.

BÚLICA E TRIANGULAR

Modalidades de jogos de bolinha de gude.

BONDE ALEMÃO

Conhecida assim em algumas quadras, era uma das estripulias mais perigosas. Os meninos entravam no elevador, retiravam uma tampa de cima (o elevador parava) e eles subiam para cima do elevador. Ficavam no teto descendo e subindo.

QUEIMADA

Jogo tipicamente feminino. Enquanto os meninos jogavam futebol, elas se dividiam em dois grupos e aos poucos iam minando o campo adversário com boladas. A amarelinha também era uma das brincadeiras favoritas das meninas.

VERDADE OU CONSEQUÊNCIA

Geralmente, o grupo sentava em círculo e rodava um sapato, estabelecendo para cada lado uma das regras: ou se falava a verdade ou pagava-se uma prenda. Era um concorrente para outra brincadeira bastante praticada: a Salada de Frutas.

CARNIÇA

Era um jogo típico da geração debaixo do bloco porque muitas vezes era encenada sob o pilotis. Um fava curvado enquanto outros pulavam por cima. As mãos ficavam marcadas nas costas da "carniça".

POLÍCIA E LADRÃO

Espaço não faltava para brincar de polícia e ladrão. Os prédios em obras e as galerias de águas pluviais tornavam as brincadeiras mais perigosas e estimulantes.